

Setor financeiro já espera retomada

JOSÉ ANTONIO RIBEIRO

Em menos de uma semana, as perspectivas da economia mudaram para melhor. Empresários do setor financeiro prevêem que, com a efetivação de Mailson da Nóbrega no Ministério da Fazenda, a inflação poderá estabilizar-se no primeiro semestre, criando condições para uma retomada da economia na segunda fase do ano. O risco e o temor de um novo choque heterodoxo pelo sucessor de Bresser Pereira desapareceram completamente do mercado financeiro a partir do momento em que foi efetivado o ministro interino. O mercado de ações, considerado segmento mais sensível da área financeira, reagiu favoravelmente. Na semana, os preços das ações subiram 20,5% em SP.

"O clima é de mais otimismo. O discurso do Mailson é novo apesar de o tema ser antigo. Ele fixou-se no pragmatismo, ao contrário de seus sucessores que chegaram prometendo mudanças", disse o presidente da Federação Nacional de Bancos, Antônio de Pádua da Rocha Diniz. Logo após a renúncia de Bresser Pereira, Diniz havia alertado para o risco representado pela tentação que todo novo ministro tem de fazer seu plano de salvação nacional.

Diniz considera que na área interna, a prioridade da política econômica, a partir de agora, será o contro-

le maior do déficit público e da inflação. Se isso for feito, o País terá condições de retomar o crescimento no segundo semestre.

Léo Wallace Cochrane Júnior, vice-presidente do Banco Noroeste, está confiante na estabilização da inflação e acredita que poderá haver até alguma redução nos próximos meses. O quadro econômico melhorou com a definição dos postos-chaves na equipe do governo porque afastou o clima de incertezas, agravado a partir da saída do ministro Bresser Pereira.

PROBLEMA GRAVE

"Ou o Brasil controla a inflação ou a inflação implode a economia", disse o presidente da Associação das Empresas de Investimentos, Crédito e Financiamento (Acrefi), Américo Oswaldo Campiglia, assinalando que as perspectivas melhoraram porque, com a confirmação do novo ministro da Fazenda, tudo indica que o governo abandonou a idéia do choque e parece disposto a aceitar a economia de mercado. "Pelo que foi dito pelo presidente da República e pelo novo ministro, podemos acreditar que o governo está mesmo disposto a se banquetear com o trivial feijão com arroz na política econômica", comenta Campiglia.

O presidente da Acrefi adverte porém que não se controlará a inflação sem medidas corajosas para con-



Diniz: "O clima é de otimismo"

ter o déficit público. No primeiro semestre, pelo menos, a inflação deve continuar acima de 10% ao mês e a retomada da economia vai depender das medidas que forem adotadas e da conjuntura externa.

José Baia Sobrinho, vice-presidente do BMC - Banco Mercantil de Crédito, disse que houve uma mu-



Campiglia: "Controlar a inflação"

dança para melhor do quadro econômico nacional. Ele prevê que o novo ministro fará o possível para manter as regras do jogo e, com isso, poderá conseguir uma queda gradativa da inflação e condições mais favoráveis para a recuperação econômica. Numa primeira fase, a prioridade na área interna deverá ser o controle da

inflação, com medidas mais ortodoxas "porque estamos precisando de um pouco mais de estabilidade", acrescenta Baia Sobrinho.

JUROS INDEFINIDOS

O vice-presidente do BMC considera que não existem no mercado indicadores de alta dos juros que, em

termos reais, estão bastante baixos. A demanda de crédito continua fraca e o mercado apresenta grande liquidez. Os bancos estão pagando na captação de depósitos 9% a 10% ao ano acima da correção e têm dificuldade para captar porque o *over* rende quase 14% líquidos ao mês.

"Para o investidor este é um momento meio esquisito. Ele fica no *over*, esperando que as taxas do CDB subam mas elas não sobem porque os bancos não têm interesse em aumentar a captação enquanto a demanda de empréstimo permanece retraída", analisa o vice-presidente do BMC.

Cochrane Junior, do Noroeste, concorda que o momento é atípico no mercado financeiro: há uma grande liquidez; a taxa real de juros está muito baixa e a demanda de crédito apresentou pequena recuperação em janeiro mas ainda é fraca.

Campiglia observa que, se a demanda de bens e serviços continuar retraída, os juros podem baixar mas acrescenta que há um limite de resistência dos poupadores: "Se tivermos uma estaginflação, isto é, inflação alta com mercado retraído, os aplicadores poderão ser desestimulados de poupar. Procurarão outros ativos, como o dólar paralelo; ou serão levados a fazer compras para formação de estoques. E tudo isso deságua em pressão inflacionária, podendo-se formar um círculo vicioso".